

JOÃO LUÍS CARDOSO

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO
DA ALIMENTAÇÃO EM CONTEXTO FENÍCIO
ESTUDOS DOS RESTOS DA ROCHA BRANCA (SILVES)

INSTITUTO ORIENTAL
LISBOA • 1993

Separata do livro *Estudos Orientais*
IV — Os Fenícios no Território Português

CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA ALIMENTAÇÃO EM CONTEXTO FENÍCIO ESTUDOS DOS RESTOS DA ROCHA BRANCA (SILVES)

por João Luís Cardoso*

1. Introdução. Aspectos metodológicos

Na sequência da frutuosa colaboração científica desenvolvida entre o signatário e o Arq. M. Varela Gomes, foi-nos sugerido o estudo dos materiais osteológicos de grandes mamíferos, recuperados no decurso das escavações na Rocha Branca, estudo concretizado no presente trabalho. Sempre que possível, atingiu-se a classificação específica. As conclusões basearam-se, apenas, no número de restos classificáveis. Com efeito, não considerámos pertinente o cálculo do número mínimo de indivíduos, utilizado por diversos autores, aliás no caso presente de fraco significado, dado o escasso número de restos classificáveis. Na verdade, demonstra-se que o «número total de restos» (NTR) é proporcional ao número real de indivíduos, o que não acontece com o «número mínimo de indivíduos» (NMI). Os dois índices estão relacionados por uma equação do tipo $NMI = \sqrt{NTR}$, exprimindo uma relação não linear (Ducos, in DELPECH, 1973).

Na determinação do número total de restos apenas não tivemos em consideração as esquirolas; as que fossem paleontologicamente determináveis, para além da incerteza resultante do seu estado muito fragmentário, exigiriam um trabalho suplementar o qual, certamente, pouco ou nada alteraria

* Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL. Quinta da Torre, 2825 Monte da Caparica.

o espectro faunístico do conjunto. Não obstante, as esquirolas possuem interesse, porquanto revelam as técnicas de aproveitamento dos ossos e da medula, a que os antigos habitantes da Rocha Branca recorreram.

As medidas osteométricas foram tomadas com uma craveira até ao décimo de mm, utilizando-se as seguintes abreviaturas: L — altura ou comprimento; DAP — diâmetro ântero-posterior; DT — diâmetro transversal; DVL — diâmetro vestibulo-lingual.

2. Estratigrafia e cronologia

O material estudado foi recolhido no canto NW do interior de uma torre de planta rectangular, com cerca de 6 m × 4 m, construída do lado externo de uma muralha que fortificava a parte mais alta da colina. Na referida zona, situada no Quadrado G3, atingiu-se a camada de ocupação mais antiga, correspondente à estrutura referida (camada 3), com fragmentos de cerâmicas de «verniz vermelho» e de ânforas atribuíveis aos séculos VI e VII a.C. Uma amostra de carvão ali recolhida foi datada pelo método do radiocarbono, obtendo-se a data de 2450 ± 45 BP a qual, uma vez calibrada, utilizando-se a curva de Pearson e Stuiver, mostrou intercepções em 752, 709 e 530 cal a.C. e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma — 764-674 cal a.C.; 617-606 cal a.C.; e 606-409 cal a.C.;

Para 2 sigma — 786-401 cal a.C.

Podemos, pois concluir que se trata de uma ocupação centrada nos séculos VII-VI a.C. (cf. trabalho de Mário Varela Gomes neste volume).

A abundância de ossos, associados a carvões, faz crer que estejamos em presença de «restos de cozinha», tendo o interior da referida torre funcionado provavelmente como montureira. Tal utilização ter-se-á prolongado até ao século V-IV a.C., como mostram os materiais recolhidos na camada imediatamente mais recente, no interior da estrutura referida.

3. Inventário do material

Artiodactyla Owen, 1848

Cervidae Gray, 1821

Cervus elaphus L., 1748

- 2º molar superior (M^2) esquerdo. DMD - 17,8;
- 3º molar superior (M^3) direito. DMD - 16,1; DVL - 17,8;
- 2º incisivo inferior (I_2) esquerdo;
- 4º pré-molar inferior (P_4) direito;
- 4º decidua inferior (D_4) esquerdo;
- Extremidade distal de humero conservando-se a superfície articular;
- Dois fragmentos da articulação do cúbito com o humero, de lados opostos;
- Extremidade proximal de rádio, conservando a superfície articular;
- Duas extremidades distais de tíbias direitas; DT - 44,8; DAP - 34,7; 37,0;
- Astrágalo esquerdo, partido na tróclea mesial distal;
- Astrágalo esquerdo;
- Calcâneo esquerdo com falha da epífise da extremidade posterior;
- Porção da superfície articular proximal de metacárpico II+III.

Bovidae Gray, 1821

Bos taurus L., 1758

- Três segundos pré-molares superiores (P^2), dois direitos e um esquerdo, com desgaste médio;
- Dois terceiros pré-molares superiores (P^3), um esquerdo e outro direito, com desgaste médio;
- Dois quartos pré-molares superiores (P^4), um esquerdo e outro direito com desgaste médio;
- Primeiro molar superior (M^1) direito com desgaste médio;
- Quatro segundos e/ou terceiros molares superiores ($M^{2/3}$), dois com desgaste fraco e dois com desgaste médio;
- Terceiro molar superior (M^3) esquerdo incluso em fragmento de maxilar;
- Terceiro decidua superior (D^3) direito, com desgaste forte;
- Primeiro incisivo (I_1) direito, queimado;
- Primeiro incisivo (I_1) direito;
- Terceiro pré-molar inferior (P_3) direito, com desgaste nulo;

- Dois primeiros molares inferiores (M_1) direitos, com desgaste fraco a médio;
- Segundo molar inferior (M_2) esquerdo, com desgaste fraco;
- Dois terceiros molares inferiores (M_3) um esquerdo outro direito, estando este incompleto no lobo distal, com desgaste médio;
- Fragmento basal de ossicone;
- Três fragmentos de porções anteriores de mandíbulas, conservando parcialmente o diastema; duas são esquerdas, uma é direita;
- Quatro porções de ramo ascendente mandibular, dois esquerdos e dois direitos, conservando os côndilos articulares;
- Três fragmentos mandibulares, conservando parcialmente o bordo inferior do ramo horizontal, todos do lado esquerdo;
- Fragmento de omoplata;
- Porção da superfície articular de humero com a omoplata, cortada por machado ou cutelo;
- Fragmento distal da diáfise de humero;
- Fragmento lateral da articulação distal de humero;
- Fragmento da superfície articular de cúbito com o humero;
- Extremidade articular proximal de metacárpico II + III. DT-55,8; DAP - 32,1;
- Extremidade articular distal de metacárpico II + III. DT - 56,3; DAP - 31,4 (Est. I, Fig. 6);
- Dois corpos vertebrais de indivíduo(s) juvenil(s);
- Dez fragmentos de costelas;
- Cabeça de fêmur de indivíduo juvenil;
- Dois astrágalos, um esquerdo (Est. I, Fig. 7) e outro direito;
- Três calcâneos, incompletos na epífise distal, dois por serem jovens, o outro por estar roído;
- Fragmento da superfície articular proximal de metatársico II + III;
- Extremidade articular distal de metatársico II + III. DT - 64,8; DAP - 33,0;
- Sete falanges I, anteriores e posteriores;
- Oito falanges II, anteriores e posteriores;
- Duas falanges III, anteriores e posteriores.

Capra hircus L., 1758

Ovis aries L., 1758

- Segundo molar superior (M^2) direito;
- Dois terceiros molares superiores (M^3), um direito outro esquerdo;

- Hemimandíbula (ramo direito) com a série jugal à excepção do segundo prémolar (P₂);
- Primeiro ou segundo molar inferior (M₂) direito;
- Segundo molar inferior (M₂) esquerdo;
- Terceiro molar inferior (M₃) direito incluso em fragmento mandibular;
- Dois fragmentos basais de ossicones (a curvatura sugere *Capra*);
- Oito corpos vertebrais de indivíduos jovens;
- Vinte e seis fragmentos de vértebras;
- Porção proximal da omoplata, conservando a articulação com o húmero;
- Extremidade articular distal de húmero;
- Duas porções de diáfise de rádio;
- Porção de diáfise de metacárpico II + III, partido em ambas as extremidades;
- Porção distal de fémur, conservando a extremidade articular DT - 32,8; DAP - 41,5;
- Dois fragmentos de diáfise de tíbia. DT - 17,3; 12,7; DAP - 13,8; 11,1;
- Extremidade distal de tíbia conservando a respectiva articulação. DT - 24,6; DAP - 19,2;
- Calcâneo esquerdo com epífise em falta (indivíduo juvenil);
- Calcâneo esquerdo. DT - 16,2; DAP - 48,5;
- Astrágalo direito. H - 29,4; DT - 19,6; DAP - 17,0;
- Astrágalo esquerdo. H - 26,3; DT - 17,0; DAP - 13,9

Perissodactyla Owen, 1848

Suidae Gray, 1821

Sus scrofa L., 1758

- Primeiro incisivo superior (I¹) direito;
- Terceiro incisivo superior (I³) direito;
- Canino superior (C^s) esquerdo;
- Série jugal superior esquerda incompleta, com P⁴, M¹, M² e M³, este último com falta do lobo distal;
- Duas séries deciduais superiores, direitas, incompletas;
- Segundo incisivo inferior (I₂) esquerdo;
- Dois terceiros incisivos inferiores (I₃), um esquerdo outro direito;
- Terceiro molar inferior (M₃) incluso em parte da mandíbula. DMD - 31,1; DVL - 14,7;
- Porção proximal de diáfise de húmero;
- Extremidade distal de húmero;
- Catorze fragmentos de costelas;

- Fragmento de pelvis, conservando a cavidade articular com o fémur;
- Tíbia de recém-nascido;
- Extremidade distal incompleta de tibia, com parte da superfície articular;
- Extremidade distal de metápode;
- Falange II.

Equidae Gray, 1821

Equus asinus L., 1758

- «Museau» superior, com o primeiro, o segundo e o terceiro incisivos (I¹, I² e I³) de ambos os lados (Est. I, Fig. 2);
- Colmilho superior direito isolado;
- Série jugal superior esquerda incompleta, do mesmo indivíduo, com P² a P⁴ e M¹;
- Série jugal superior direita incompleta, do mesmo indivíduo, com P² a P⁴ e M³;
- Dois fragmentos de dentes jugais superiores (um esquerdo outro direito) inclassificáveis;
- «Museau» inferior com o primeiro, o segundo e o terceiro incisivos (I₁, I₂ e I₃) de ambos os lados, bem como os dois colmilhos, do mesmo indivíduo (Est. I, Fig. 1);
- Série jugal inferior direita, inclusa no osso mandibular, com falta do M₃. L P₂-P₄ - 67,6 (uma porção está representada na Est. I, Fig. 3);
- Série jugal inferior esquerda, inclusa em parte no osso mandibular, com falta do M₂ e do M₃. L P₂-P₄ - 66,6 (Est. I, Fig. 4);
- Terceiro molar inferior (M₃) direito com desgaste acentuado;
- Fragmento de um dente jugal inferior, inclassificável por lhe faltar a coroa;
- Porção de superfície articular proximal de humero;
- Tibia esquerda. L - 251,1; DAP extremidade proximal - 55,2; DT extremidade distal - 49,0; DAP - extremidade distal - 31,0 (Est. I, Fig. 5);
- Calcâneo direito. L - 37,1; DT - (33,0); DAP - 75,0;
- Astrágalo esquerdo. H - 30,7; DT - 40,7; DAP - 40,5.

Lagomorpha Brandt, 1855

Leporidae Gray, 1821

Oryctolagus cuniculus (L.), 1758

- Duas hemimandíbulas, uma direita outra esquerda;
- Omoplata;

- três cúbitos, dos quais apenas um completo. Dois são do mesmo lado;
- Fémur de juvenil;
- Três tíbias fragmentadas: dois fragmentos proximais do mesmo lado, o terceiro distal.

Carnivora Bowdich, 1821

Canidae Gray, 1821

Canis familiaris L., 1758

- Doze vértebras e um sacrum do mesmo indivíduo. Uma das vértebras possui marca de corte («cutmark») (Est. I, Fig. 8).

O material inventariado pode ser sumarizado do seguinte modo (apenas os grandes mamíferos com excepção dos Lagomorpha):

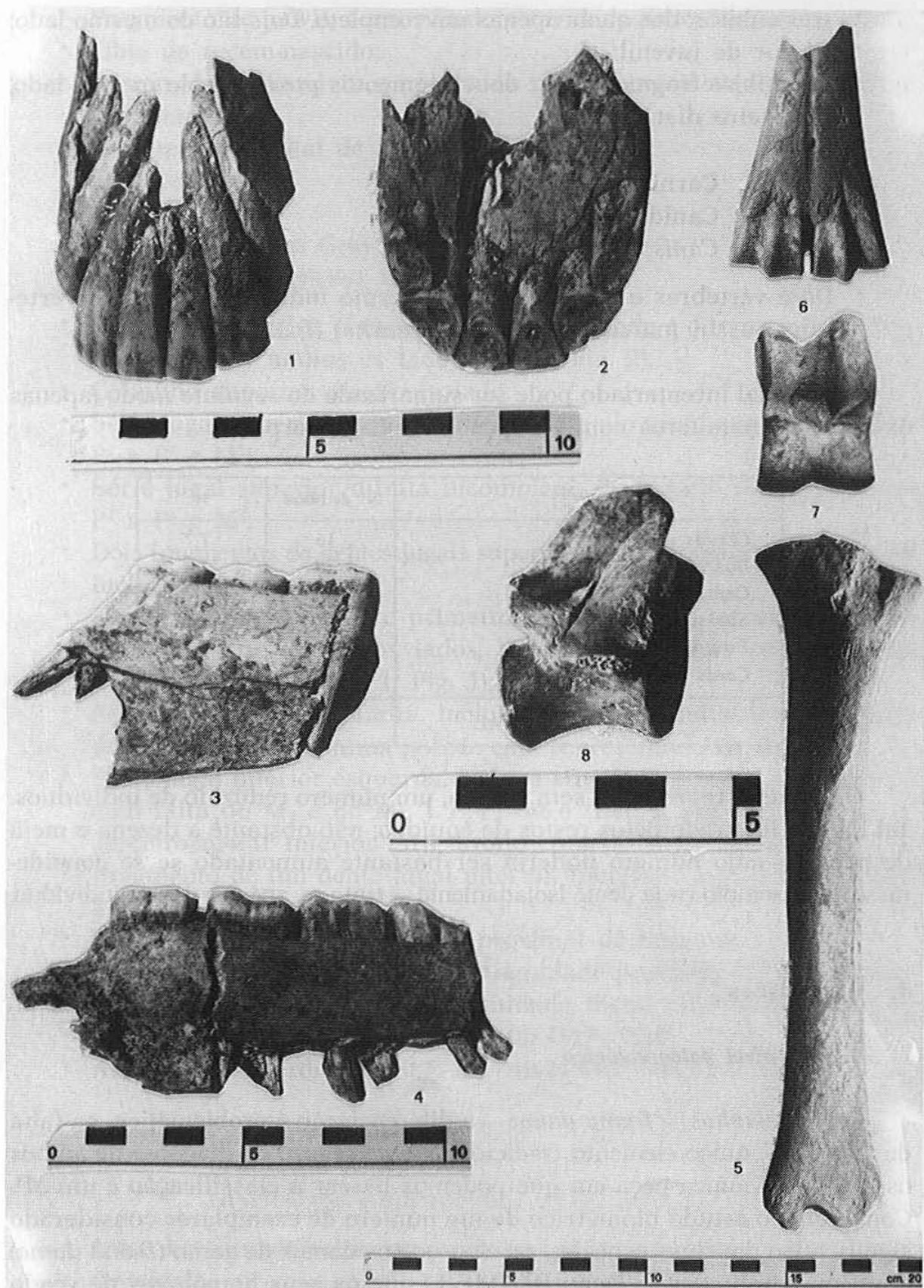
	Nº de restos	%
<i>Cervus elaphus</i>	16	7,7
<i>Bos taurus</i>	78	37,5
<i>Capra e Ovis</i>	56	27
<i>Sus scrofa</i>	1	14,9
<i>Equus asinus</i>	15	7,2
<i>Canis familiaris</i>	12	5,8
TOTAL . . .	208	

O conjunto representa, sem dúvida, um número reduzido de indivíduos. Tal facto é ilustrado pelos restos de equídeo; não obstante a dezena e meia de peças — cujo número poderia ser bastante aumentado se se considerasse, por exemplo cada dente isoladamente — trata-se, apenas, de um indivíduo.

4. Conclusões

4.1 Ao nível paleontológico

Cervus elaphus — *Dama dama* — a diferenciação é problemática, na falta de armações, único elemento tradicionalmente seguro na diagnose de ambos os táxones. A única peça em que podemos basear a classificação é um M³. Com efeito, o estudo biométrico de um número de exemplares considerado significativo das duas espécies, revelou que os dentes de gamo (*Dama dama*) eram mais robustos (relação DMD/DVL) que os seus homólogos de veado



(*Cervus elaphus*), não obstante terem menores dimensões. De acordo com esta verificação, por nós efectuada com base em número significativo de mediações, o exemplar em causa integra-se melhor em *Cervus elaphus*, como indicam os seguintes valores:

M ³	<i>Cervus elaphus</i>			<i>Dama dama</i>			<i>Rocha Branca</i> (n = 1)		
n	11	8		14	13				
DMD	19,74			15,05			16,1		
DVL		22,10			18,29			17,8	
DMD/DVL			0,89			0,82			0,9

As restantes peças não são discriminantes visto as simples variações de tamanho não terem significado ao nível de espécie; a mesma espécie pode ter variado de tamanho ao longo de dado intervalo de tempo, consoante as condições naturais serem mais ou menos propícias à sua existência, situação de que se conhecem numerosos exemplos, no Plistocénico e no Holocénico. Tal observação é, obviamente, válida para os elementos dentários, como no caso presente.



LEGENDA DA ESTAMPA I

- FIG. 1 — «Museau» inferior de *Equus asinus*, com o conjunto dos incisivos completo de ambos os lados
- FIG. 2 — «Museau» superior de *Equus asinus* (mesmo indivíduo da Fig. 1), com o conjunto dos incisivos completo de ambos os lados.
- FIG. 3,4 — Porções da série jugal inferior de *Equus asinus* do mesmo indivíduo das Figs. 1 e 2, com o osso mandibular parcialmente conservado.
- FIG. 5 — Tibia de *Equus asinus* do mesmo indivíduo das Figs. anteriores.
- FIG. 6 — Extremidade distal de metacárpico II + III de *Bos Taurus*.
- FIG. 7 — Astrágalo de *Bos taurus*.
- FIG. 8 — Corpo vertebral de *Canis familiaris* notando-se golpe («cut-mark») provocado por faca ou cutelo, indício de a carne ter sido aproveitada.

Fotos de M. Varela Gomes (escala em cm)

Bos taurus — o boi doméstico é a espécie mais comum (37,5%) no conjunto da associação de grandes mamíferos reconhecida na Rocha Branca. Trata-se de um morfotipo de dimensões médias, superiores às dominantes no Neolítico e em exemplares de Conímbriga. Para tal facto devem ter concorrido as condições propícias existentes na região, nomeadamente pastagens, na área adjacente à estação.

Capra hircus - *Ovis aries* — é tradicional a dificuldade de separação das duas espécies. No caso dos materiais em apreço, tal dificuldade pôde ser ultrapassada, na maioria dos casos, atendendo ao maior tamanho e robustez de *Capra*, bem evidenciado no material dentário e nalgumas peças ósseas; trata-se, essencialmente de *Ovis aries*. A indefinição manteve-se, porém, nos numerosos fragmentos de costelas, bem como nos corpos vertebrais e noutras peças que, pelo estado fragmentário, não permitiram melhor destriça. Neste estudo considerámos os dois táxones em conjunto, aguardando a possibilidade de realizar um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

Sus scrofa — os restos de suídeos foram atribuídos, em conjunto, ao javali. A larga maioria dos restos de adultos não oferece dúvidas. No entanto, um M_3 possui dimensões que sugere ou javali de pequenas dimensões, ou um animal selvagem estabulado. Com efeito, as dimensões de exemplares calcolíticos de Leceia (povoado do concelho de Oeiras) são nitidamente superiores ou inferiores, correspondendo, respectivamente, a javali ou a porco doméstico (escavações e resultados do signatário). O exemplar mais próximo, recolhido na estação do Mesolítico/Neolítico antigo de Vidigal, situada um pouco mais a Norte, na Costa Vicentina (escavações inéditas de J. Soares e C. Tavares da Silva, estudo do material osteológico em curso, pelo signatário) excede, respectivamente no DMD e no DVL o exemplar da Rocha Branca em apenas 1,6 e 1,3 mm. Tratando-se, aquele, de um exemplar de *Sus scrofa*, a semelhança de dimensões poderá justificar a atribuição do M_3 da Rocha Branca à mesma espécie. Em contexto fenício foram reconhecidos em estações espanholas exemplares de animais selvagens estabulados ou semi-domesticados, em Toscanos e Málaga (BERNÁLDEZ-SÁNCHEZ, 1990).

Equus asinus — A Rocha Branca ofereceu restos de 1 indivíduo com marcas evidentes de ter sido comido, já que os ossos se encontravam em parte calcinados. Trata-se sem dúvida de um asinino, como indica o dobramento do esmalte dos dentes jugais inferiores (EISENMANN, 1981, Figs. 3 a 5).

A existência de um asinino nos inventários arqueológicos portugueses encontra-se longe de bem caracterizada. A primeira referência deve-se a H. Breuil, que o identificou no povoado calcolítico de Vila Nova de S. Pedro (PAÇO, 1970), atribuindo-lhe raridade, numa escala de «raro», «abundante» e «muito abundante». Numa revisão da fauna desta estação, mas limitada aos materiais da campanha de 1953, efectuada por A. Xavier da Cunha, não se confirmou aquela presença, o que terá escasso significado, atendendo à pequena amostragem observada (PAÇO, 1958). Ulteriormente, um asinino foi assinalado no povoado calcolítico do Monte da Tumba — *Equus (Asinus)* sp. — representado, apenas, por dois dentes (ANTUNES, 1987). Em nenhum outro povoado pré-histórico do território português se reconheceu, até ao presente, este táxone, não obstante serem frequentes as referências ao cavalo, certamente selvagem (GOMES *et al.*, 1989).

Na Idade Média, a presença de um equídeo selvagem em Portugal encontra-se provada tanto pela toponímia — é frequente o topónimo «Zebro» e derivados, como «Zebreira», «Vale de Zebro», etc. — como por documentos coevos. Para além das Cartas de Foral, cujo estudo se poderá revelar muito interessante no conhecimento das faunas selvagens, o zebro encontra-se mencionado na Lei de Almotacaria de 1253 de D. Afonso III. O alto preço atingido pela pele (ANTUNES, 1990) dever-se-ia, sem dúvida, a apreciadas qualidades, nomeadamente de dureza e resistência, propícias, por exemplo, ao fabrico de escudos.

Porém, persiste a indefinição quanto ao verdadeiro estatuto deste equídeo; tratar-se-ia do burro selvagem, o onagro, como Paulo Merêa o considerou? Segundo M. RIBEIRO (1963, p. 42, nota), aquele autor cita a carta municipal de Cuenca, que diz ser uma adaptação castelhana, possivelmente do século XIII ou princípios do século XIV de um original latino. As palavras «De corio de bovis vel onagri, 1 dinero» são concludentes quando à presença de burro selvagem, o onagro, *Equus hemionus onager*, com origem provável no Próximo Oriente, na Espanha medieval. Seria o exemplar da Rocha Branca a prova material da sua existência em Portugal? Foi o que procurámos esclarecer através do respectivo estudo paleontológico comparativo, que estendemos ao burro selvagem africano, *E. africanus*.

V. EISENMANN (1980) indica as seguintes dimensões para os jugais superiores de *Equus asinus* (o burro), de *E. hemionus onager* (o onagro) e de *E. africanus* (ver Quadro da página 120).

Da comparação dos valores apresentados conclui-se que o exemplar da Rocha Branca mostra, no plano biométrico, mais analogias com o burro doméstico do que com o onagro e o burro selvagem africano. Vejamos a situação para os dentes jugais inferiores (ver Quadro da página 122).

	Rocha Branca	<i>E. asinus</i>				<i>E. hemionus onager</i>				<i>E. africanus</i>			
		n	X	mín.	máx.	n	X	mín.	máx.	n	X	mín.	máx.
P ²	n = 2												
Lo	29,6	14	30,7	27	33	23	34,3	28,5	39	13	33,4	31	36,5
LP	7,0	14	6,5	5	8	23	8	5,8	10,5	13	7,1	6	9
lo	20,4	14	21,5	20	23	23	24,2	22,3	26	13	24,1	22,9	25,5
P ³ -P ⁴	n = 2												
Lo	22,3	34	22,6	18,5	25,5	47	25,2	22,5	28,5	24	25,9	24	28
LP	8,4	34	9,7	7,5	13,2	47	11,4	8	16	24	10,6	8	12,5
lo	21,1	34	23,6	20,5	27,5	47	25,9	24	28,5	24	25,5	23,5	27,1
IP	38,04	34	42,79	32,61	58,66	47	45,24	35,55	66,67	24	40,88	32,72	48,80
M ¹ -M ²	n = 1	*											
Lo	22,6	34	19,7	16,5	23	48	22,4	19	26	26	22,9	20,7	25
LP	9,5	34	8,9	7	11,5	48	11	8,5	15,5	26	9,8	8	12
lo	22,8	34	22,0	19,3	25	48	23,6	20,3	26	26	23,5	21	25,5
IP	42,04	34	45,21	37,5	54,54	48	49,07	38,64	80,00	26	43,07	36,00	50,00
M ³	n = 1												
Lo	22,9	16	21,5	19	27,8	21	24,4	22	27	13	23,5	20	27
LP	10,9	16	10,4	7	14,7	21	12	9,5	14,8	13	10,7	9	12,5
lo	20,9	16	18,1	16,5	20	21	19,8	17	22,5	13	19	17	22
IP	47,60	16	48,29	35,00	54,54	21	49,35	40,74	59,20	13	35,57	37,73	50,00

Convenções:

n — nº de exemplares
 X — média
 mín. — valor mínimo
 máx. — valor máximo

Lo — comprimento oclusal
 LP — comprimento oclusal do protocone
 lo — largura oclusal
 IP — índice protocónico

As dimensões dos dentes jugais inferiores da Rocha Branca — inquestionavelmente de um asinino, como indica o dobramento do esmalte dos dentes jugais — foram, identicamente, comparadas com as dos homólogos de *E. asinus*, de *E. hemionus onager* e de *E. africanus*, indicadas por EISENMANN (1981).

Tal como se concluiu do estudo dos dentes jugais superiores, também as dimensões dos dentes jugais inferiores indicam, nitidamente, *Equus asinus*. A presença de colmilhos mostra que se trata de um macho, mas de tamanho muito pequeno, embora superior aos mínimos actuais observados para a espécie. Em conclusão, teremos de aceitar a presença, em território português, já na I Idade do Ferro, de burro doméstico, presença que, depois, se terá generalizado no Período Romano, correspondendo a ocorrência da Rocha Branca a um indivíduo adulto, mas não velho, que terá sido consumido. Fica, pois, ainda por esclarecer a presença e o estatuto do asinino que, no estado selvagem, ocorre, da Pré-História ao fim da Idade Média, no território português.

Canis familiaris — o cão é de pequeno tamanho, de corpulência de um «Fox-Terrier», o que não significa que não fosse útil na guarda dos rebanhos, nem na alimentação; a marca de corte («cutmark») conservada num corpo vertebral é disso prova.

Oryctolagus cuniculus — aceitamos que os restos de coelho pertençam a animais selvagens. Com efeito, é bem conhecida a abundância deste animal na Época Romana, na Península, onde chegava a constituir uma praga, exigindo o recurso à tropa para o seu combate. Tal era a sua abundância, que foi utilizado, de forma emblemática, em moedas de Hadriano e de Antonino Pio alusivas à Hispania.

4.2 Ao nível paleoecológico

Referimos que a abundância de *Bos taurus*, bem como o tamanho atingido pelos exemplares que foi possível medir, se poderia relacionar com pastagens que então se desenvolveriam nas margens do Arade; porém, a planície aluvial era então inexistente ou muito reduzida. É mais provável, assim, que, o gado bovino encontrasse, na altura, condições mais propícias nos férteis terrenos triásicos, que afloram em área adjacente à estação. Tal situação era também propícia à existência de ovinos, os quais, de facto, são muito mais abundantes que os caprinos, melhor adaptados a solos mais secos e pastagens mais pobres. No período islâmico, tais terrenos não teriam sido

	Rocha Branca (n = 1/2)		<i>E. asinus</i>				<i>E. hemionus onager</i>				<i>E. africanus</i>					
	n	X	mín.	máx.	n	X	mín.	máx.	n	X	mín.	máx.	n	X	mín.	máx.
P ²																
Lo	n = 2 22,2	25,3	21	27,5	24	29,1	26	33,5	13	29	25,3	31	13	29	25,3	31
LF	10,0	11,7	10	13,5	24	13,9	10	17	13	11,1	16		13	11,1	16	
lo	11,9	12,5	11,5	13,5	24	14,1	12	17	13	13,9	12	16	13	13,9	12	16
IF	42,60	46,18	38,88	50,0	24	47,94	34,48	56,67	13	48,57	41,66	53,84	13	48,57	41,66	53,84
P ₃ -P ₄																
Lo	n = 4 22,0	23,3	20	26,5	4	25,5	22	31	25	25,7	24,5	27,5	25	25,7	24,5	27,5
LF	9,0	10,4	8	15	47	12,2	9	15,5	25	11,7	9,6	14	25	11,7	9,6	14
lo	13,6	14,4	13	16	46	15,7	13,5	19	25	15,5	12	17,2	25	15,5	12	17,2
IF	40,99	44,64	34,78	57,14	47	47,76	34,61	58,82	25	45,49	38,46	54,90	25	45,49	38,46	54,90
M ₁ -M ₂																
Lo	n = 3 20,6	21,1	17,9	25	47	23,1	19,5	30	25	23,8	22	25,5	25	23,8	22	25,5
LF	6,9	7,8	5	10	47	9,3	6	12	25	9,4	6	12,3	25	9,4	6	12,3
lo	12,1	12,8	10,7	15	48	14,2	11,5	17	25	13,4	10	16	25	13,4	10	16
If	33,28	37,13	25,00	45,00	47	40,38	28,57	47,92	25	39,34	25,75	51,52	25	39,34	25,75	51,52
M ₃																
Lo	n = 1 24,7	25,7	23,5	29	22	28,7	25	35	13	25,9	23	31	13	25,9	23	31
lo	10,3	11,2	10	13,5	22	12,7	11	15,5	13	11,4	9	14	13	11,4	9	14

Convenções:

n — n.º de exemplares
 X — média
 mín. — valor mínimo
 max. — valor máximo

Lo — comprimento oclusal
 LF — comprimento oclusal do postfléxido
 lo — largura oclusal máxima
 IF — índice postflexidico

aproveitados, ao contrário do sugerido por esta associação, para bovinicultura intensiva (ANTUNES, 1991), situação de difícil explicação.

A presença de veado (8,2% dos restos classificáveis) sugere a existência de manchas florestais, pontuando as margens do Arade, a menos que tenham sido caçados na região florestal envolvente, da qual ainda hoje é testemunho a Serra de Monchique; estas considerações são extensivas ao javali.

Em qualquer caso, as condições climáticas indicadas tanto pela fauna doméstica como selvagem sugerem a presença de humidade, correspondendo a clima talvez um pouco mais húmido do actualmente existente na região e, eventualmente, coberto vegetal mais importante.

4.3 Ao nível arqueológico e arqueozoológico

A base de subsistência da comunidade da Rocha Branca é nitidamente dominada pelo gado doméstico. Ao nível da carne, constituía suporte fundamental a proveniente dos bovinos, que atingem 37,5% dos restos. Se considerarmos o facto de um bovino, mesmo de raça não melhorada (como, por exemplo, a mertolenga, talvez pouco diferente em corpulência da representada na Rocha Branca) ser equivalente a 7 ovinos e 9 caprinos (ANTUNES, 1991), concluiremos que os bovinos ocupavam, de longe, o papel mais importante na alimentação. Seguir-se-ia o javali, correspondendo, talvez em parte, a animais semidomesticados, criados em cativeiro, como parecem sugerir alguns elementos biométricos. Tal situação tem paralelos noutras estações fenício-púnicas do litoral mediterrânico (BERNÁLDEZ-SÁNCHEZ, 1990). O porco doméstico ocorre em outros contextos fenícios, o que parece contradizer a repulsa tradicional das populações semitas pelo consumo da sua carne. Noutras estações, porém, a sua ausência não será acidental, como no povoado do Almaraz-Almada. O gado ovi-caprino e, muito acessoriamente, os equídeos, completavam as bases domésticas da alimentação, a qual integrava, esporadicamente, o veado.

Tal situação é compatível com estacionamento sedentário, estável ao longo do ano, de um grupo humano, essencialmente dedicado à pastorícia do gado bovino. Podemos, pois, concluir que nada indica, ao nível da fauna, na altura do primeiro estabelecimento sidérico da Rocha Branca, situação instável ou exigindo mudanças frequentes de «habitat».

Em jazidas fenícias ou com presença fenícia (Toscanos, Cabezo de San Pedro, Carambolo Alto, Medellin, Saladares, Évora e Carambolo Bajo) o boi predomina largamente, em termos de carne consumida, seguido da

ovelha/cabra (ALMAGRO-GORBEA, 1980). Segundo este autor, o predomínio do gado bovino sobre o ovi-caprino e, sobretudo, sobre a caça, constitui evidência de estabilidade na fixação humana (ALMAGRO-GORBEA, 1977).

A ocorrência do burro, por seu turno, reveste-se de interesse, dada a sua raridade em estações arqueológicas proto-históricas. A primeira vez que se registou este táxone em contexto fenício foi no Cabezo de San Pedro-Huelva (BELÉN *et al.*, 1977), cujos restos identificados correspondem a 2,4% do total da fauna.

Na estação fenícia do Cerro de la Tortuga, o burro atinge 10,3%. Com efeito, o espectro faunístico ali identificado corresponde a uma economia de subsistência pouco organizada, onde o gado bovino se encontra sub-representado, sendo substituído por outros táxones normalmente mais escassos, avultando o burro e o veado (ALMAGRO-GORBEA, 1990).

São visíveis em boa parte dos ossos, marcas de corte, produzidas por faca.

Particularmente interessante é um golpe existente em vértebra de cão, denunciando o seu aproveitamento culinário. Outras marcas são, pela sua extensão e profundidade, relacionáveis com cutelo ou machado, como as que seccionam a cabeça de um húmero de boi.

Marcas de fogo indicam a prática de churrascos, visíveis em restos de javali e de veado, sobretudo, mas também presentes em ossos de boi. Eram, outrossim, frequentes os cozidos: assim se explica o aparecimento das séries dentárias superior e inferior, quase completas, de burro, bem como a parte anterior da mandíbula e do maxilar, com todos os dentes conservados, que apenas poderia ocorrer caso o crânio tivesse sido cozido, poupando-o à fracturação que decorreria do churrasco. A mesma explicação é válida para a parte do esqueleto de cão encontrado. Todas as vértebras pertencem ao mesmo indivíduo: ter-se-iam mantido em conexão anatómica, mesmo depois de consumida toda a carne, o que só a cozedura possibilitaria.

A extrema fracturação evidenciada pelos ossos longos é, também, mais um argumento a favor da prática da cozedura, relacionada com a extracção do tutano (caldos e ensopados), constituindo o meio mais completo do aproveitamento da carne.

De referir, ainda, que as partes conservadas dos animais indicam, sobretudo para *Bos taurus*, ausência das partes nobres dos animais, como os lombos e o membro posterior, por oposição à abundância relativa de partes de menor valor alimentar, como crânios e os segmentos distais dos membros anterior e posterior. Tal facto sugere que essas partes poderiam ser conservar-se para, eventualmente, serem consumidas noutra lugar; deste ponto

de vista, é aliciente a hipótese da Rocha Branca servir de apoio à navegação fenícia de carácter comercial, como bem indica a natureza e situação deste arqueossítio.

Agradecimentos

Agradecemos ao Arq. Mário Varela Gomes todas as indicações, incluindo as bibliográficas, que valorizaram os resultados; ao Dr. Carlos Fabião, que cedeu bibliografia; ao Prof. Doutor António Augusto Tavares, pelo honroso convite em participar neste Encontro de Estudos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) — *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14, 543 p. Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1980) — Interpretación cultural, in *Excavaciones en Cerro de Ecce Homo, Alcalá de Henares, Madrid*, pp. 115-123. Diputación Provincial de Madrid.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) — El Período Orientalizante en Extremadura. In *La Cultura Tartésica y Extremadura*, pp. 85-125. Museo Nacional de Arte Romano, Merida.
- ANTUNES, M. T. (1987) — O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. II - Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8:103-144.
- ANTUNES, M. T. (1990) — *Castor fiber* na Gruta do Caldeirão. Existência, distribuição e extinção do castor em Portugal. *Ciências da Terra (UNL)*, 10:23-36.
- ANTUNES, M. T. (1991) — Restos de animais no castelo de Silves (séculos VIII-X). Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. *Estudos Orientais*, 2:41-74.
- BELÉN, M.; FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. & GARRIDO, J. P. (1977) — Los orígenes de Huelva. Excavaciones en los Cabezos de San Pedro y la Esperanza. *Huelva Arqueológica*, 3:208-212.
- BERNÁLDEZ-SANCHEZ, E. (1990) — Estudio de la excavación de San Agustín - 86 en la ciudad de Málaga. In *La cerámica fenicio-punica, griega y etrusca del Sondeo de San Agustín (Málaga)*. Col. *Monografías*, 3, pp. 167-173. Diputación Provincial de Málaga.
- DELPECH, F. (1973) — Signification paléoclimatique des associations d'herbivores reconnues dans un gisement archéologique. *Bull. Soc. Préhist. Franc.*, 70:187-189.
- EISENMANN, V. (1980) — Les chevaux (*Equus sensu lato*) fossiles et actuels: crânes et dents jugales supérieures. *Cahiers de Paléontologie (CNRS)*, 186 p.
- EISENMANN, V. (1981) — Étude des dents jugales inférieures des *Equus* (Mammalia, Perissodactyla) actuels et fossiles. *Palaeovertebrata*, 10 (3-4).
- GOMES, M. Varela & CARDOSO, J. L. (1989) — a mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo. *Almansor*, 7:167-209.
- PAÇO, A. do (1958) — Castro de Vila Nova de S. Pedro. X - Campanha de escavações de 1956 (20º). (Aditamento: campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 — 16ª, 17ª e 18ª). *Anais da Academia Portuguesa de História*, Série II, 8:43-91.
- PAÇO, A. do (1970) - A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I - Escavações de 1942 (*Brotéria* (37/1), Julho de 1943), reeditada em *Tabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1: 307-330.
- RIBEIRO, M. (1963) — Estudos sobre a aldeia da Glória. *Revista de Guimarães*, 73 (1-2):24-82.